

# Fontes Históricas Estilo Acadêmico

Esta é uma apresentação de trabalhos acadêmicos escritos na década de 80, sobre a sexualidade no Brasil Colonial. A reunião deles - a maioria dissertações de mestrado e teses de doutorado - mostrou uma concentração de material sobre o século XVIII e provocou uma apreciação prévia do estilo acadêmico.

Na área de Ciências Humanas, os trabalhos acadêmicos vêm sendo vítimas de acusações freqüentes da parte de jornalistas, editores, estudiosos de outras áreas e do público leitor. Embora injustas, na maioria das vezes, essas acusações têm repercutido muito e abalado mesmo os acadêmicos e suas agências financiadoras. Algumas das qualidades mais importantes do trabalho acadêmico, na pesquisa e na produção do conhecimento, provêm da seriedade com que é realizado e da preocupação de apenas enunciar o que puder ser comprovado, histórica ou culturalmente. Para tanto, exige-se uma formação que inclui não só erudição em diferentes áreas, como também imaginação criadora para a proposição do problema estudado em suas especificidades culturais e temporais. Já os trabalhos de divulgação científica, continuando presos ao compromisso com a "verdade", ganham maior leveza por elaborar menos as comprovações e manejar mais livremente recursos não deformantes de atração do leitor.

É evidente que tanto o trabalho acadêmico quanto o da divulgação científica podem ser bem ou

---

Agradeço à pós-graduanda Walkiria Fucili Chassot algumas leituras importantes para este trabalho

mal feitos e são estes últimos os que atraem o rancor altissonante de jornalistas e editores mal informados. Existem, de fato, trabalhos que, ao substituir a clareza de pensamento pela confusão verbal, encobrem a pobreza de conteúdo. Existem, também, aqueles em que um excesso de citações mal qualificadas pretende substituir a reflexão e análise científica. O conhecimento insuficiente da língua e da técnica da escritura prejudica inapelavelmente tanto trabalhos acadêmicos quanto até notas informativas dos jornais, perturbando a análise e a transmissão do pensamento formulado.

Como propôs Peter Gay, em *Estilo na História*, este pode ser visto "como um debate inconcluído entre os defensores da beleza com verdade e os defensores da verdade sem beleza"<sup>1</sup>.

O estilo acadêmico contribuiu para o aperfeiçoamento das obras de Ciências Humanas, através da discussão imparcial dos trabalhos já escritos; através do levantamento e especificação bibliográfica de trabalhos referentes ao tema em estudo; através das comprovações lógicas e das nuances reavidas das afirmações apresentadas e através das articulações estabelecidas entre a questão apresentada em diferentes áreas, momentos ou culturas.

A má informação deforma o trabalho e as conclusões apressadas (ainda que brilhantes) chegam a desmerecê-lo. A preocupação de estabelecer de onde vem e quando foi dada uma informação é fundamental para a incorporação e a reflexão sobre ela. A discussão detalhada de pormenores das teorias que são adotadas para contribuir para a análise da questão estudada faz avançar o conhecimento e mostra até que ponto foi compreendido um enunciado, repetido sem tomada de consciência das relações sociais e simbólicas nele implicadas, bem como o processo pelo qual palavras de uso comum adquirem conotações que as afastam e as desdobram para longe do sentido original.

Os trabalhos sobre a sexualidade no Brasil Colonial aqui examinados estão longe de constituir uma unidade. São trabalhos de diferentes níveis, com perspectivas diversas, elaboradas no ambiente universitário. Não se trata de amostra, nem da produção global. Embora fosse desejável um levantamento exaustivo, e apesar dos recursos de informatização que avançam desordenadamente por este país, o isolamento dos centros culturais ainda dificulta o acesso à produção nacional.

A sexualidade é uma questão decisiva dentro do quadro de Estudos sobre a Mulher, que vêm se

1. GAY, Peter. *O Estilo na História*, 1990, p.169.

avolumando desde a década de 70 e, com muitos tropeços e bastante empenho, começam a abrir um espaço nas Universidades. A própria separação entre corpo e alma, tão incorporada nas culturas ocidentais, tornou a sexualidade longamente uma questão ocultada, ou tratada através de alegorias e metáforas, relegada aos tesouros secretos do espírito e do ser. Só recentemente passou a ser aceita - com restrições mais ou menos claras - como área legítima, se bem que periférica, nas Ciências Humanas, dentro das Universidades brasileiras. "A Sociologia Médica encorajou historiadores a tratar o corpo como uma encruzilhada entre o ego e a sociedade"<sup>2</sup>.

2. PORTER, Roy. "História do Corpo" In Peter Burke, 1992, p.293.

3. DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *O Amor Natural*, 1992.

A sexualidade, como relação mais íntima entre homens e mulheres, não só lida com "o amor, o prazer da carne como um caminho para o divino, o sagrado e o eterno"<sup>3</sup>, como exprime, através da reprodução, tendências sociais e demográficas que sempre foram manejadas politicamente em benefício ou em detrimento de determinados grupos humanos. Fica, portanto, na intersecção entre o privado e o público, aparentemente como uma relação da maior reciprocidade, quase um símbolo de coesão social e universal, extremamente variável histórica e geograficamente e apresentando trocas desiguais e muito diversas entre homens e mulheres, em suas relações.

A oscilação do conceito de sexualidade, entre o individual e erótico de um lado, e o social, demográfico e político de outro, prolongou ainda mais seu período de não-aceitação como objeto legítimo de atenção e aprofundamento nas Ciências Humanas em geral e na História em particular. Uma das formas de legitimar o seu estudo, bem como de inúmeros outros aspectos dos Estudos da Mulher, foi confundir-lo com áreas já aceitas e aprovadas tais como a História Quantitativa, os Estudos Populacionais, a Antropologia Histórica, a História Social, a Sociologia do Cotidiano e a História da Família.

Essa divergência dá conta das linhas de pesquisa percorridas nos trabalhos examinados, que se bifurcaram, por sua vez, em novos segmentos. Às vezes, a identificação das linhas pode ser feita através dos pioneiros transformados com o tempo em orientadores de novos doutores, que ampliaram o leque de perspectivas com que é tratado o problema da sexualidade na Colônia.

A professora Maria Luiza Marcílio, diretora do Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL/USP) tem entre seus orientandos dedicados a estudos quantitativos da família brasileira a professora Mary del Priore, voltada para o estudo

da Mulher, sob a ótica da História das Mentalidades, e o professor Fernando Londoño, que aprofundou a análise do concubinato no Brasil Colonial.

A professora Maria Beatriz Nizza da Silva dedicou-se ao exame de Ordenações, Processos e Correspondência em Arquivos Cíveis em suas articulações com os encontrados em Arquivos Eclesiásticos, e encaminhou diversas orientandas para o trabalho com espousais, casamentos, divórcios, anulações e casamentos mistos, na direção de uma História da família brasileira, como fizeram Raquel R. Lopes Domingues da Costa e Eliana Maria Goldschmidt e a orientanda do prof. Eduardo D'Oliveira França, Alzira Lobo de Arruda Campos.

A professora Maria Odila da Silva Dias, titular de História do Brasil, trabalha na área de Estudos da Mulher e tem se aprofundado na hermenêutica do cotidiano. *Cotidiano e Poder*, seus trabalhos teóricos e seus cursos partem da vida no Brasil Colonial.

A professora Leila Mezan Algranti, orientanda de Fernando Novais, especialista no Sistema Colonial no Brasil, dirigiu sua atenção para as reclusas em conventos e recolhimentos, vistas no contexto da História Social.

Deste modelo em leque constam ainda a professora Laura de Mello e Souza, Luiz Mott, Ronaldo Vainfas, Lana Lage da Gama Lima e Luciano Figueiredo.

Estes autores e seu colega, o professor Renato Pinto Venâncio, ao lado de outros pesquisadores do século XIX, compuseram duas antologias fundamentais para a compreensão da sexualidade no Brasil Colonial: Ronaldo Vainfas (org.), *História e Sexualidade no Brasil* (1986) e Lana Lage da Gama Lima (org.), *Mulheres, Adúlteros e Padres* (História e Moral na Sociedade Brasileira), 1987.

Deve-se a Michel Foucault a proposição adequada da questão: "A sexualidade se encontra na articulação entre os dois sexos através dos quais se desenvolveu toda a tecnologia política da vida. De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adiestramento e economia das energias. De outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros, dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos, infinitos, a todo um micropoder sobre o corpo; mas, também, dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente. O sexo

4. FOUCAULT, Michel *História da Sexualidade*. 1. *A Vontade de Saber*, pp. 136-7.

5. GINSBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*, 1989, p 172.

6 BOSI, Alfredo, 1992, p.26.

7. GINSBURG, Carlo. *Op cit* , p 177.

é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações”<sup>4</sup>.

Ao que Carlo Ginsburg completou: “...os inquéritos micro-históricos têm, em muitos casos, como objeto de análise os temas do privado, do pessoal e do vivido, propostos com tanta veemência pelo movimento feminista. Não é coincidência - visto que as mulheres foram indubitavelmente o grupo que tem pago os custos mais elevados pelo desenvolvimento da história humana”<sup>5</sup>.

As fontes consultadas para a elaboração dos trabalhos sobre a sexualidade no século XVIII, no Brasil, provêm de macro-instituições controladoras do poder: O Estado e a Igreja. Através de seu aparato jurídico, o Estado desdobrou-se em Códigos e Ordenações, Regulamentos, Ordens Régias, Estatutos, Livros de Assentos e Matrícula e processos criminais que, através de redes e canais de comunicação escrita e oral, transmitiram-se entre a Metrópole e a Colônia. Nos autos policiais locais, o comportamento cotidiano transparece em seus embates com as normas jurídicas, políticas e policiais estabelecidas pelos colonizadores.

Empenhados junto ao Estado Ibérico num projeto disciplinador e moralizante, a Companhia de Jesus e o Santo Tribunal da Inquisição procuraram depurar a moralidade popular e o sincretismo religioso e estabelecer uma ordem familiar monogâmica e cristã. São principalmente os processos e os livros de Devassas, as Visitações Pastorais nas Cúrias Metropolitanas e na Torre do Tombo e as genealogias, os testamentos dos arquivos civis que forneceram explícita ou implicitamente “a condição colonial, ou os modos de nascer, comer, morar, dormir, amar, chorar, rezar, cantar, morrer e ser sepultado”<sup>6</sup>.

Na maioria dos casos, cada fonte propicia chegar a um aspecto parcial do problema estudado. Habitualmente, a utilização de uma única fonte faz com que se perca a complexidade das relações que ligam um indivíduo a uma sociedade determinada.

Mas, como propõe ainda Carlo Ginsburg, que deles muito se tem valido: “os processos criminais ou inquisitoriais são os que mais se aproximam dos inquéritos de um antropólogo moderno” e “os casos marginais funcionam como indícios de uma realidade oculta que a documentação não deixa transparecer... revelam a história que os homens não sabem que fazem”<sup>7</sup>.

Para a reconstrução da vida íntima dos homens e das mulheres, essas fontes mostram como os pode-

8. BOSI, Alfredo. Op. cit., p.15.

9. MARX, Karl. *O Capital* apud Bosi, op. cit., p.23.

10. BOSI, Alfredo. Op. cit., pp.158 a 162.

11. NOVINSKY, Ilana W. Heresia, mulher e sexualidade, pp.227-256

12. MENDES DE ALMEIDA, Angela, 1992.

res se articularam para exercer "um projeto totalizante de ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais e exercer ação modificadora e desagregadora" como vem explicitado na *Dialética da Colonização*<sup>8</sup>. E "os horrores bárbaros civilizados do sobretrabalho são enxertados nos horrores bárbaros da escravidão"<sup>9</sup>, que marcaram profundamente as relações entre homens, mulheres e crianças escravizados e sem recursos. Os agentes da colonização, tanto o leigo quanto o religioso, documentam desde o século XVI as levas de filhos ilegítimos, abandonados e mortos, em correspondência e sermões, uns lamentando, outros aceitando a situação como prática indiscutível<sup>10</sup>.

As confissões, nos processos e visitações, constituem uma fonte à parte. Aparentemente seriam as fontes privilegiadas para o estudo, onde seria possível encontrar a motivação, as práticas, o contexto social e as idéias sobre a sexualidade e a culpa, além dos cruzamentos entre camadas sociais e práticas sexuais<sup>11</sup>, embora também aí houvesse o discurso feminino filtrado pelas autoridades masculinas.

As confissões eram instrumento de denúncia dos próximos - amigos e inimigos - e inúmeras vezes eram induzidas pelos confessores para reafirmação do sistema de poder e controle sobre tudo o que ocorria com o sexo e seus prazeres. Ainda assim, correspondem às fantasias sexuais dos acusados e acusadas e também de seus confessores, treinados, como sabemos, por manuais extremamente específicos, que foram recentemente analisados por Angela Mendes de Almeida<sup>12</sup>.

Adultério, bigamia, blasfêmia, feitiçaria, incesto, solicitação e sodomia confundiram-se como pecados e impulsos diabólicos e seus sentidos raramente são excludentes. A severidade das punições também não os define, pois a preocupação com o povoamento da Colônia provocava maior tolerância com as práticas sexuais que levavam à reprodução - dentro ou fora do casamento.

Essas características das fontes se diferenciam na medida que umas se aproximam mais da experiência e outras da teorização. Grande parte delas exprime a necessidade de controle, através de normas, regulamentos e ordenações. Muitas ignoram o interlocutor e exprimem unilateralmente a motivação do colonizador leigo ou religioso. Outras, contudo, admitem em suas palavras um diálogo implícito, pelo desdobramento das respostas a que o pesquisador pode chegar a fim de ouvir a voz muda dos controlados.

Os sermões, adágios, provérbios, canções de ninar e a lírica popular fornecem, além das normas sociais, como que a resposta à documentação oficial. Mas também aqui sua utilização exige um trabalho meticuloso de indagação sobre a origem, o período e a região de onde provêm. Os memorialistas, os genealogistas e os manuais de comportamento, leigos e eclesiásticos, constroem, por sua vez, o ideal da mulher branca, limpa de sangue, recatada, virtuosa e honrada, reprodutora e transmissora da propriedade chefe de alianças familiares e socializadora dos escravos e do trabalho doméstico e agrícola. Nesta documentação, os papéis sociais ganham tal relevo que dificultam a penetração do comportamento real, de que são abstraídos. As mulheres brancas são figuras respeitáveis e completamente assexuadas, enquanto as mestiças, negras e índias seriam seres exclusivamente sexuados. Entre as mulheres das diferentes etnias estabeleciam-se redes de trabalho, dependência e também de sexualidade, que só podem ser reconstituídas através da consulta da documentação administrativa local e de recenseamentos, feita com a focalização específica da História Social da Família e através da literatura comparada<sup>13</sup>.

13. DIAS, Maria Odila da Silva. *Cotidiano e Poder*, 1984, pp 83-113.

Nos trabalhos examinados, o comportamento sexual tem sido tratado como se funcionasse de forma idêntica ao comportamento verbal. O diálogo suposto do discurso é feito pela apropriação e remodelação de quem fala. Contudo, a assimetria de articulações no diálogo sexual é tão grande que, ao ser dado o discurso masculino, como é mais freqüente, dificilmente se terá o discurso do outro (como semelhante ou contrário) pois é de outra natureza. Em inúmeros trabalhos, nem sequer vem suposto o diálogo, ficando os autores apegados exclusivamente à letra da documentação encontrada, o que vem a embolear a análise proposta.

Não pode ser descartado outro aspecto no exame da documentação. Quem foi o autor do documento, se via melhor o que estava à distância e o que era mais capaz de observar nos outros que em si mesmo e, sobretudo, o que não dizia. Supõe-se sempre que o autor do documento se exprima como as demais pessoas de seu grupo social de origem, o que nem sempre o investe do poder de percepção dos "outros" relacionados na questão. Podem ser perdidos, nas análises simplistas, os pontos de interseção entre os relacionamentos estabelecidos, essenciais para a compreensão dos diferentes níveis de articulações da sexualidade. Quem fala ou escreve implica, em sua fala, no interlocutor e na possível reper-

cussão do que foi dito. Pondere-se que a documentação nem sempre é a que se desejaria, mas a que foi encontrada. Nesta, freqüentemente, é difícil perceber o que foi silenciado. Contudo, quando se deixa de enriquecê-la com suas possibilidades internas e o desdobramento de suas origens, ela fica reduzida a um ecoar monótono, que não corresponde a uma questão de articulação e coesão social tão vital e de interesse tão grande para todos nós quanto é a sexualidade.

Acrecente-se, também, que como as fontes são leigas, religiosas e populares, o conhecimento de cada universo de discurso torna-se importante para uma compreensão aproximada do significado da documentação. O desconhecimento do universo de discurso da Igreja católica, por exemplo, pode levar a deformações da leitura de seus documentos pela ignorância do significado de sua linguagem simbólica ou arcaizante. E o mesmo ocorre para cada um dos demais universos, seja institucional, seja científico.

O estudo da sexualidade na Colônia é um dos numerosos casos em que se está lidando com uma série de planos paralelos e perpendiculares de relações sociais que dificilmente podem ser apreendidas fora da experiência individual. E o comportamento dos indivíduos é um comportamento total, onde a fragmentação de aspectos constitui uma deformação da reciprocidade e da comunicação.

A multiplicidade de elementos, relações e condições corre o risco de transformar o trabalho num catálogo ou num inventário de possibilidades. Pode deixar o leitor soterrado sob o peso da indefinição. Em muitos casos, a multiplicidade e a indefinição dos contornos são responsáveis pelas dificuldades de comunicação do estilo acadêmico, a que nos referimos anteriormente. Não é nada fácil equilibrar o artesanato paciente do arquivista com as alterações e a fluidez do comportamento humano, quando tempos diferentes precisam ser transmitidos pela economia da escritura.

Em termos mais concretos, a documentação proveniente de bulas, bispos, missionários e administradores não só tem objetivos diferentes como representa camadas distintas dessas abstrações totalizantes e explicativas que são o Estado e a Igreja. Dentre elas encontram-se semelhanças e contradições múltiplas. Todos os trabalhos examinados tiveram de enfrentar e resolver de formas mais ou menos felizes as dificuldades de partir de casos individuais e voltar a eles para revelar as constantes sem negligenciar os graus de variabilidade. E a documentação versa também so-



14. LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia, pp.71-90.

bre uma população heterogênea e fluida, com padrões culturais distintos mas articulados de várias maneiras. As populações indígenas, as tribos africanas e os senhores e degradedos portugueses não se misturaram de maneira uniforme, mas tiveram contatos diferenciados, apresentavam sincretismos culturais de vários tipos e foram tratados, mesmo sexualmente, pelo grupo hegemônico de formas distintas, em diferentes momentos<sup>14</sup>.

O etnocentrismo nestes estudos é quase fatal, dada a identificação do historiador com a camada portuguesa, através da língua e da religião. São poucos os casos em que esse etnocentrismo foi examinado de maneira crítica, admitindo uma sensível ampliação do conhecimento e da compreensão ocorrida. O canibalismo ritual, as formas de sexualidade e de parentesco que levaram à identificação do pecado à heresia (nos processos civis e eclesiásticos examinados) continuam a propor questões filosóficas e científicas a antropólogos e lingüistas que talvez não possam ser superadas tão cedo.

Foi percorrido um longo caminho no estudo de uma questão de tantos meandros e os trabalhos examinados contribuíram muito para a sua delimitação. Contudo, muito resta a descobrir, examinar e revelar.

Fundamentalmente, os trabalhos examinados giram em torno do casamento (o sacramento e suas formas alternativas) como vínculo disciplinador da moralidade e da propriedade. As outras formas de sexualidade são tratadas como transgressões de graus variados e, conforme onde e quando reveladas, punidas com maior ou menor rigor. Decorrentes desse tratamento, estabelecem-se as louvações da virgem e da figura materna como exponenciais das virtudes cristãs assexuadas.

Dadas as novas formulações da História Social da década de 70, que se desdobraram em estudos do Cotidiano e das Mentalidades, não aparecem mais os quadros panorâmicos da sexualidade com os de Paulo Prado e Gilberto Freyre da década de 30, nem um estudo mais específico como a *Psicanálise do Cafuné*, de Roger Bastide, publicada em 1941, onde as relações étnicas e sociais vão desaguar no lesbianismo latente, no interior dos grupos de convívio - independente do registro do cafuné em poesias francesas.

As diferenças de padrões culturais nas formas de sexualidade e parentesco respondem pela "ausência de pecado abaixo do Equador". O incesto, considerado tabu na maioria das culturas, em formas matrilineares ou endogâmicas de parentesco, é visto de outra maneira, sendo proibido com outros mem-

bros da família, da tribo ou da comunidade. Os laços de parentesco dos escravos (índios ou africanos) raramente foram levados em consideração quando se tratou de conseguir multiplicar a mão-de-obra por ligações ilícitas ou não.

Aspecto fundamental na sexualidade do Brasil Colonial, a diversidade de padrões culturais impede que se negligenciem as relações sociais e econômicas ao tratar da sexualidade, como quiseram fazer alguns dos autores, procurando acentuar traços universalizantes da população, tomada como um todo.

Importante é a contribuição dos trabalhos examinados, com referência à ambigüidade das atitudes reveladas diante do sexo feminino. Na obra de teólogos e moralistas e nas pesquisas feitas na literatura médica, foram rastreadas atitudes sociais de longa duração com referência à atração e à repulsa que a mulher provoca no sexo oposto, por suposta fragilidade e insaciabilidade. Alterna-se e confunde-se no imaginário colonial a santa e a figura satânica, o ardor e a frieza da mulher. Sem avaliar a consistência e a persistência desse imaginário, verifica-se a culpabilização das mulheres, por quase todas as formas de sexualidade, socialmente controladas. Os homens são culpados de alguns crimes contra a natureza, mas as mulheres carregam o fardo de quase tudo que praticam com os homens: prostituição, indução a ela, filhos deficientes e monstruosos, abortos, concubinato, bigamia. Essa culpabilização, dentro de uma relação já assimétrica, assenta os fundamentos da maternidade assexuada como ideal de comportamento.

Ressalta, por fim, dos trabalhos examinados, a importância do escândalo como condição necessária para que as diferentes formas de sexualidade se transformassem em pecado, ao passarem da área privada para a pública, quando implicavam diretamente os responsáveis. Enquanto se ocultam na vida doméstica ou mesmo em processos eclesiásticos e civis, como nas atas de batismo de filhos ilegítimos, os concubinatos e outras formas de arranjos individuais conseguiram ser amplamente tolerados e contornar tensões raciais e estabelecer um jogo de equilíbrio entre sentimentos individuais e interesses de grupos. Revela-se, através desses estudos históricos, que a passagem de um costume à categoria de crime ou pecado processava-se pelo escândalo, estimulado por denúncias, prática habitual e incentivada pelas confissões.

Os trabalhos desenvolvidos na Europa sempre provocam novas nuances na produção acadêmica

brasileira, de quem bem ou mal esta continua a ser uma fiel discípula. Ocorrem, contudo, algumas defasagens. O aprofundamento de uma História da Mulher e da Vida Privada, que vem se processando nos países europeus e nos Estados Unidos, ainda é relativamente tênue na produção nacional, principalmente para os séculos XVI, XVII e XVIII. Para os séculos XIX e XX a situação é diferente. Multiplicam-se as fontes e a europeização dos centros urbanos, principalmente. Dado o caráter eminentemente masculino das fontes e das mediações instrumentais da História do Brasil Colonial, os aspectos femininos das relações sociais e sexuais examinadas não desaparecem, pois seria impossível, mas, mesmo nos trabalhos mais penetrantes e nas pesquisas mais audaciosas, ficam submersos sob normas incorporadas, padrões firmemente estabelecidos ou de uma aceitação do que sempre foi e sempre será, que dilui os contornos.

E, finalmente, retornando à discussão inicial do estilo acadêmico: ela foi proposta como introdução à leitura desta safra de teses da década de 80 pois, feita em conjunto, a leitura sublinhou que o estilo acadêmico tem possibilidades de ocultar ou disfarçar o conteúdo. Os melhores trabalhos procuram inovar saídas e aberturas do padrão básico de tese acadêmica, conservando suas características positivas. Já os mais fracos obedecem rigorosamente a seus preceitos, mascarando a fragilidade de sua penetração na realidade através do estilo pedregoso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia* (Estudo sobre a condição feminina através dos Conventos e Recolhimentos do Sudeste - 1750-1822). São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1992.
- BASTIDE, Roger. *A Psicanálise do Cafuné*. Curitiba: Edições Guáira, 1941.
- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *O Casamento e a Família em São Paulo Colonial: caminhos e descaminhos*. São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1986.
- COSTA, Raquel R. Lopes Domingues. *Divórcio e Anulação de Matrimônio em São Paulo Colonial*. São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1986.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo* (Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colonial). São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1990.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *Cotidiano e Poder* (em São Paulo no século XIX). São Paulo: Brasiliense, 1984.

- GOLDSCHMIDT, Eliana Maria Rea. *Casamentos Mistos de Escravos em São Paulo Colonial*. Dissertação de mestrado em História Social, 1990.
- FIGUEIREDO, Luciano. *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo, dissertação de mestrado em História Social, 1990.
- LIMA, Lana Lage da Gama. *A Confissão pelo Averso: o crime de solicitação no Brasil Colonial*. 3 vols. São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1990.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Mulheres, Adúlteros e Padre (História e Moral na Sociedade Brasileira)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editor, 1987.
- LONDOÑO, Fernando Torres. *Público e Escandaloso: Igreja e concubinato no antigo bispado do Rio de Janeiro*. São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1992, 2 vols.
- MARCILIO, Maria Luiza. *La Ville de São Paulo: peuplement et population (1750-1850) (d'après les registres paroisseaux et les recensements anciens*. Rouen: éditions de l'Université de Rouen, 1968.
- \_\_\_\_\_. (em colaboração com VENÂNCIO, Renato Pinto). Crianças abandonadas - primitivas formas de sua proteção (secs.XVIII e XIX), 1990
- MENDES DE ALMEIDA, Angela. *O Gosto do Pecado (Casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Sabbats e Calundus no Brasil Colonial*. São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1988.
- MOTT, Luiz. Os Pecados da Família na Bahia de Todos os Santos (1813). *Cadernos CERU*(SP) 18, 1ª série, p.91-129, maio de 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Sexo Proibido (Virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição)* Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.
- NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. *Sistema de Casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1984.
- NOVINSKY, Ilana W. Heresia, Mulher e Sexualidade (algumas notas sobre o Nordeste Brasileiro nos séculos XVI e XVII). In *Vivência* (História, sexualidade e imagens femininas) São Paulo: Fundação Carlos Chagas, s.d./ Brasiliense, 1980
- VAINFAS, Ronaldo *O trópico dos Pecados (Moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial)*. São Paulo, tese de doutorado em História Social, 1986.
- \_\_\_\_\_. (org.). *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

## OBRAS DE REFERÊNCIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Amor Natural*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- ARIÈS, Philippe e BEJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais (Contribuições para a História e para a Sociologia da Sexualidade)*. Trad. de Lygia Araujo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História (Novas Perspectivas)*, trad. de Magda Lopes. Ver especialmente História do Corpo, de Roy Porter. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade (I. A Vontade de Saber)*, trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- GAY, Peter. *O Estilo na História: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckardt*. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- GINSBURG, Carlo. O Nome e o Como. In: *A Micro-História e outros ensaios*, trad. de Antonio Marino. Lisboa-Rio de Janeiro: Difel-Bertrand, 1989.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie Agnès Chauvel. São Paulo. Brasiliense, 1988.